

CASSANDRA — VOX FEMINA TRAGICA

I

CASSANDRA, DE FRIEDRICH SCHILLER

A alegria enchia os átrios de Tróia,
Antes de a grande cidadela cair,
Por todo lado, soavam hinos de júbilo,
Em cordas de ouro a luzir.
As mãos de todos repousam, cansadas,
Após a lacrimosa contenda¹,
Porque o Pelida² glorioso a bela filha
De Príamo pede em casamento³.

E, coroada de loureiros tenros⁴,
Em festa a multidão se agrupa,
Para os templos se encaminha,
No altar do Timbreu⁵ se ajunta.
Num abafado torpor, nas vielas,
Espalha-se a báquica alegria,
E, no abandono da sua dor,
Apenas *um* coração triste surgia.

¹ Referência à Guerra de Tróia.

² Aquiles, filho de Peleu.

³ Políxena, irmã de Cassandra, teria sido vista por Aquiles, durante a Guerra. O herói ter-se-á apaixonado pela jovem, tendo pedido a sua mão a Príamo, prometendo abandonar os Gregos e passar a lutar com os Troianos. Após este acordo, os Troianos prepararam-se para festejar, com grande júbilo, o casamento, no templo de Apolo (Von Egon Ecker, *Erläuterungen zu ausgewählten Gedichten Friedrich von Schillers*, Band 2, Der späte Schiller (1789-1805), C. Bange Verlag, Hollfeld, 1988, p. 139).

⁴ Adornados com coroas de loureiro, porque o loureiro era consagrado a Apolo (Von Egon Ecker, *ibidem*).

⁵ O mais famoso templo de Apolo, em Tróia, onde este tinha o epíteto de Timbreu (Norbert Oellers, *Friedrich Schiller, Gedichte, Auswahl und Anmerkungen von Norbert Oellers*, Philipp Reclam jun., Stuttgart, 2001, p. 173).

Sem alegria, na abundância alegre,
Votada ao desamparo e só,
Em silêncio, vagueava Cassandra⁶,
Nos bosques de loureiros de Apolo.
Nas profundezas mais obscuras
Procurava refúgio a vidente⁷
E, tirando a faixa de sacerdotisa⁸,
Irada, exclamou, veemente:

“A todos se abrem as portas da alegria,
Todos os corações são abençoados,

⁶ Cassandra era a mais bela filha de Príamo, o Rei de Tróia. Apolo concedera-lhe o dom da profecia, em troca do seu amor; contudo, Cassandra não cumpriu a sua parte no acordo. Então Apolo, como castigo, retirou-lhe a credibilidade. Assim, Cassandra via as desgraças que se aproximavam, alertava para o facto, mas ninguém lhe dava ouvidos.

Por esta razão, Cassandra é considerada como uma profetisa da desgraça. Cassandra também previu a queda de Tróia, mas ninguém reagiu aos seus avisos. O seu próprio destino era do seu conhecimento, o que lhe roubava toda a alegria de viver. Após a destruição de Tróia, Cassandra foi dada a Agamémnon, como parte dos seus despojos de guerra. O Rei de Micenas levou-a para Argos, onde foi assassinada por Clitemnestra.

⁷ Segundo outra versão do mito, Cassandra, irmã gémea de Heleno, teria obtido a capacidade da *visão*, na infância, enquanto Príamo e Hécula davam uma festa no templo de Apolo Timbreu, situado fora das portas de Tróia; os pais ter-se-ão esquecido das crianças, que passaram a noite no santuário. Na manhã seguinte, foram encontradas a dormir, enquanto duas serpentes lhes passavam a língua pelos órgãos dos sentidos. Assustadas pela presença humana, as serpentes fugiram. Mais tarde, as duas crianças revelaram o dom da profecia, adquirido através da *purificação* operada pelas serpentes (Pierre Grimal, *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, s. u. Cassandra).

⁸ As insígnias de sacerdotisa eram constituídas por uma faixa branca, atada na cabeça, da qual caíam fitas, de ambos os lados da face (Von Egon Ecker, *Op. cit.*, p. 139). No primeiro episódio da peça *As Troianas* de Eurípides, Cassandra, prevendo o futuro, também: *Arranca da cabeça as insígnias de lã, insígnias dos deuses*. (Tradução de Maria Helena Rocha Pereira, in Eurípides, *As Troianas*, Edições . 70, Lisboa, 1996, p. 52).

E os pais venerandos esperam
A minha irmã, de noiva, adornada,
Só eu tenho de me penar sozinha,
Pois de mim se aparta o doce enlevo⁹,
E, a aproximar-se das muralhas,
Vejo a destruição em seu segredo¹⁰.

Um archote vejo a brilhar,
Mas não na mão de Himeneu¹¹,
Para as nuvens se encaminha
Mas não é oferenda ao céu¹².
Alegres se aprontam os festejos
Mas, num augúrio funesto,
Já escuto a disputa dos deuses
Que os destroem cruelmente.

E das minhas queixas desdenham,
E escarnecem da minha dor,
Só, tenho de levar para os desertos
O meu coração sofredor,
Sendo pelos ditosos evitada
E para os felizes um escárnio!
Severamente me castigaste,

⁹ O desejo de paz (Von Egon Ecker, *Op. cit.*, p.140).

¹⁰ Porque Páris, durante a festa, ajudado por Apolo, atinge mortalmente Aquiles, ferindo-o num calcanhar (Von Egon Ecker, *Op. cit.*, *ibidem*).

¹¹ Divindade greco-romana que, empunhando uma tocha, conduzia o cortejo nupcial. Era o deus do casamento (Von Egon Ecker, *Op. cit.*, *ibidem*).

¹² Referência a Sínon, o espião que os Gregos deixaram em Tróia, quando, com toda a armada, resolveram partir e levantar o cerco. Foi ele que convenceu os Troianos a levar o cavalo de madeira para a cidade e que recebeu o sinal do exército grego — um facho a brilhar, que era a ordem para abrir o cavalo. Foi o primeiro a incendiar a cidade (Norbert Oellers, *Op. cit.*, *ibidem*).

Pítico¹³, tu, malévolos deus!

Para anunciar o teu oráculo,
Por que me enviaste à cidade,
Onde habitam os cegos eternos¹⁴,
Se tenho o espírito iluminado?
Porque me levaste a ver
O que não me é concedido mudar?
O determinado tem de acontecer,
O temido tem de se aproximar.

De que serve levantar o véu¹⁵,
Onde a tragédia se ameaça?
A vida vivemo-la no erro,
E o conhecimento é a morte.
Leva, oh!, leva a triste claridade,
Leva de mim o seu brilho sangrento!
Terrível é ser arauto fatal
Do teu conhecimento.

A minha cegueira, dá-ma de novo
E o seu sentido alegre, obscuro.
Não mais cantei canções felizes
Desde a *tua* voz asseguro.
Deste-me o futuro de presente,
Mas privaste-me do momento,

¹³ Apolo Pítico. Assim designado após a sua vitória sobre a serpente Píton. Com este nome era cultuado em Delfos, assumindo uma conotação ambígua, misteriosa (Von Egon Ecker, *Op. cit., ibidem*).

¹⁴ Referência aos Troianos, que não acreditavam nas suas profecias e viviam, na sua alegre inconsciência (Von Egon Ecker, *Op. cit., ibidem*).

¹⁵ O véu que cobre a verdade (que é demasiado aterradora para ser revelada). Cfr. outro poema de Schiller, *Das verschleierte Bild zu Sais (A imagem velada de Sais)* (Von Egon Ecker, *ibidem*).

Levaste-me as horas felizes da vida.
Toma de volta o teu falso presente!

Jamais com as grinaldas nupciais
Os meus fragrantes cabelos coroei,
Desde que, ao desventurado culto¹⁶,
No teu altar me consagrei.
A minha juventude foi só choro,
E apenas conheci a desilusão,
Cada rude anseio do meu ser
Ruiu no meu sensível coração.

Alegres se preparam os festejos,
Tudo, à minha volta, ama e vive,
Da juventude de alegres prazeres
Resta-me o coração destruído.
Em vão me aparece a Primavera,
Para alegrar a terra festiva.
Para quem a vê, nos seus abismos,
A quem poderá alegrar a Vida!

Felicito a ditosa Políxena,
Com o seu coração ébrio de ilusão,
Pois ao melhor dos Helenos¹⁷,
Núbil, espera dar a mão.
Orgulhoso, o seu peito eleva-se
O doce anseio quase enlaça
Nem a vós, celestiais, lá em cima,
Ela inveja, em seu abraço.
E também o vi aquele, que o meu

¹⁶ Pois só lhe traz infortúnio, só lhe anuncia a desgraça (Von Egon Ecker, *Op. cit.*, p. 141).

¹⁷ Aquiles.

Coração ansioso escolhe¹⁸.
Iluminados pela chama do amor,
Os seus belos olhares suplicam.
De bom grado partiria com o esposo,
Para o calor da minha casa,
Mas, à noite, há uma sombra estígea
Que, entre ele e mim, se insinua.

Todos os seus pálidos fantasmas
Me envia Prosérpina¹⁹,
Por onde erro, por onde vagueio,
Há espectros que me esperam,
Na juventude de alegres folguedos
Interpelam-me cruelmente,
Num tumulto aterrador,
Nunca posso estar contente.

E vejo brilhar a espada assassina²⁰,
E os olhos da morte brilham,
Nem à direita ou à esquerda,
Posso escapar ao pesadelo.
Não posso voltar os olhos,
Sabendo e olhando; sem parentes,
Tenho de cumprir o meu destino,
Caindo em terra de outras gentes²¹.

¹⁸ Otrioneu, na *Iliada*. Na *Eneida* de Virgílio, Cassandra estava prometida a Corebo, que ajudou Príamo, quando Tróia estava em chamas, mas acabou por morrer, quando pretendia salvar a noiva. (cfr. Norbert Oellers, *Op. cit., ibidem*).

¹⁹ Nome com que os Romanos identificavam a deusa grega Perséfone, esposa de Hades (Von Egon Ecker, *Op. cit.*, p. 142).

²⁰ Cassandra prevê a sua própria morte, na casa de Agamémnon.

²¹ Referência ao assassinato de Cassandra, juntamente com Agamémnon, no regresso a Micenas, na Grécia.

E ainda se ouvem as suas palavras,
Escuta! Num estrépito confuso,
Lá longe, nas portas do templo,
Jaze morto o grande filho de Tétis!
Éris sacode as serpentes²²,
Todos os deuses fogem
E nuvens de trovões abatem-se
Sobre Ílion²³ estrepitosamente.

Tradução de Maria do Sameiro Barroso

Kassandra

Freude war in Trojas Hallen,/Eh die hohe Feste
fiel./Jubelhymnen hört man schallen/In der Saiten goldnes Spiel./Alle
Hände ruhen müde/ Von dem tränenvollen Streit,/Weil der herrliche
Pelide/Priams schöne Tochter freit./Und geschmückt mit
Lorbeerreisern,/Festlich waltet Schar auf Schar/Nach der Götter
heil'gen Häusern,/Zu des Thymbriers Altar./Dumpferbrausend durch
die Gassen/Wälzt sich die bacchant'sche Lust,/Und in ihrem Schmerz
verlassen/War nur Eine traur'ge Brust./Freudlos in der Freude
Fülle,/Ungeselig und allein,/Wandelte Kassandra stille/In Apollos
Lorbeerhain./In des Waldes tiefste Gründe/Flüchtete die Seherin./Und
sie warf die Priesterbinde/Zu der Erde zürnend hin://«Alles ist der
Freude offen,/Alle Herzen sind beglückt,/Und die alten Eltern
hoffen,/Und die Schwester steht geschmückt,/Ich allein muß einsam
trauern./Denn mich flieht der süße Wanh,/Und geflügelt diesen
Mauern/Seh ich das Verderben nahn./Eine Fackel seh ich
glühen,/Aber nicht in Hymens Hand,/Nach den Wolken seh ich's
ziehen,/Aber nicht wie Opferbrand./Feste sehe ich froh bereiten,/Doch
im ahnungsvollen Geist/Hör ich schon des Gottes Schreiten,/Der sie

²² Segundo Virgílio, Éris, esposa de Ares, a deusa da discórdia, era descrita com cabelos de serpente.

²³ Tróia.

jammervoll zerreißt.//Und sie schelten meine Klage,/Und sie höhnen
meinen Schmerz,/Einsam in die Wüste tragen/Muß ich mein gequältes
Herz,/Von den Glücklichen gemieden,/Und den Fröhlichen ein
Spott!/Schweres hast du mir beschieden/Pythischer, du arger
Gott!//Dein Orakel zu verkünden,/Warum warfdest du mich hin/In die
Stadt der ewig Blinden,/Mit dem aufgeschlossnen Sinn?/Warum gabst
du mir zu sehen,/Was ich doch nicht wenden kann?/Das Verhängte
muß geschehen,/Das Gefürchtete muß nahn.//Frommt's den Schleier
aufzuheben,/Wo das nahe Schrecknis droht?/Nur der Irrtum ist
das Leben,/Und das Wissen ist der Tod./

Nimm, o nimm die traur'ge Klarheit,/Mir vom Aug den blut'gen
Schein!/Schrecklich ist es, deiner Wahrheit/Sterbliches Gefäß zu
sein.//Meine Blindheit gib mir wieder/Und den fröhlich dunkeln Sinn./

Nimmer sang ich freud'ge Lieder,/Seit ich *deine* Stimme
bin./Zukunft hast du mir gegeben,/Doch du nahmst den
Augenblick,/Nahmst der Stunde fröhlich Leben,/Nimm dein falsch
Geschenk zurück.//Nimmer mit dem Schmuck der Bräute/Kränzt ich
mir das duft'ge Haar,/Seit ich deinem Dienst mich weihte/An dem
traurigen Altar./Meine Jugend war nur Weinen,/Und ich kannte nur
den Schmerz./

Jede herbe Not der Meinen/Schlug an mein empfindend
Herz.//Fröhlich seh ich die Gespielen,/Alles um mich lebt und liebt/In
der Jugend Lustgefühlen,/Mir nur ist das Herz getrübt./Mir erscheint
der Lenz vergebens,/Der die Erde festlich schmückt,/Wer erfreute sich
des Lebens,/Der in seine Tiefen blickt!//

Selig preis ich Polyxenen/In des Herzens trunknem Wahn,/Denn
den Besten der Hellenen/Hofft sie bräutlich zu umfahn./Stolz ist ihre
Brust gehoben,/Ihre Wonne faßt sie kaum,/Nicht euch Himmlische dort
oben/Neidet sie in ihrem Traum.//Und auch ich hab ihn gesehen,/Den
das Herz verlangend wählt,/Seine schönen Blicke flehen,/Von der
Liebe Glut beseelt./Gerne möcht ich mit dem Gatten/In die heim'sche
Wohnung ziehn,/Doch es tritt ein styg'scher Schatten/Nächtlich
zwischen mich und ihn.//Ihre bleichen Larven alle/Sendet mir

Proserpina,/Wo ich wandre, wo ich walle,/Stehen mir die Geister
da./In der Jugend frohe Spiele/Drängen sie sich grausend ein,/Ein
entsetzliches Gewühle,/Nimmer kann ich fröhlich sein.//Und den
Mordstahl seh ich blinken,/Und des Mörders Auge glühn,/Nicht zur
Rechten, nicht zur Linken/Kann ich vor dem Schrecknis fliehn,/Nicht
die Blicke darf ich wenden,/Wissend, schauend, unverwandt/Muß ich
mein Geschick vollenden,/Fallend in dem fremden Land» -//Und noch
hallen ihre Worte,/Horch! Da dringt verworrner Ton/Fernher aus des
Tempels Pforte,/Tot lag Thetis' großer Sohn!

Eris schüttelt ihre Schlangen,/Alle Götter fliehn davon./Und des
Donners Wolken hangen/Schwer herab auf Ilion.

**Friedrich Schiller, *Sämtliche Werke*, I Band, Insel Verlag,
Berlim, 1991, p. 521- 525**

II*

«La mort se cache ici dans les replis dans les replis du songe»²⁴

Robert Bréchon

O poema *Cassandra*, de Friedrich Schiller, foi escrito no início de Fevereiro de 1802 e publicado no *Taschenbuch für Damen für das Jahr 1803*. Goethe planeava escrever um poema épico, denominado *Achileis*, que teria por tema o casamento de Aquiles e Políxena. O assunto foi tema de conversa, nas cartas, trocadas entre os dois poetas. A 19 de Março de 1799, Schiller referiu que esperava que o poema de Goethe estivesse terminado no Outono desse ano²⁵; contudo, Goethe

* Ao Dr. Nuno Simões Rodrigues, queremos manifestar o nosso vivo reconhecimento pela bibliografia que nos forneceu, bem como as pistas bibliográficas e sugestões de leitura.

²⁴ «A morte oculta-se aqui nos recessos do sonho», António Ramos Rosa/ Robert Bréchon, *Meditações Metapoéticas/Méditations Metapoétiques*, Edição bilingue, Caminho, Lisboa, 2003, p. 40.

²⁵ *Schillers Briefe in Zwei Bänder*, Ausgewählt und Erläutert von Karl-Heinz Hahn, Zweiter Band, Aufbau-Verlag Berlin und Weimer, 1982, Band 2, p. 200.

acabou por não o concluir. Da partilha de ideias, resultou o poema *Cassandra* de Schiller. A primeira menção ocorreu numa carta que Schiller enviou a Goethe, a 11 de Fevereiro de 1802, na qual Schiller se lhe referiu como *pequeno poema (kleines Gedicht)*²⁶, que terminou em 9 de Setembro. Enviou-o então a Körner, comentando que talvez o seu amigo esperasse mais do que o mero tratamento lírico do tema²⁷, que poderia ser objecto de uma tragédia e, enviando-lhe o poema, que designou como *insignificância (Kleinigkeit)*, expressou o desejo que este talvez lhe pudesse inspirar uma melodia. Parece que o poema teria sido do seu agrado²⁸.

Körner respondeu em 19 de Setembro, concordando em relação ao potencial dramático do tema. Numa primeira leitura, teria desejado um tratamento dramático, pensara mesmo num plano para uma representação musical — os preparativos festivos no templo, nomeadamente o coro dos Gregos e dos Troianos, constituiriam um material magnífico para uma ópera. Só que não havia um desfecho satisfatório para o drama. O verdadeiro final, a destruição de Tróia, pareceu-lhe pouco adequado a uma tragédia. O tratamento lírico do tema pareceu-lhe, pois, mais consentâneo e sublinhou a feminilidade tocante, sem a desvantagem da força (*die rührende Weiblichkeit ohne Nachteil der Kraft*), que Schiller emprestara à figura de Cassandra²⁹.

O poema foi sempre referido por Schiller como *kleines Gedicht*, que, no entanto, o incluiu nas suas baladas. Esta classificação não é pacífica, tal como Benno Von Wiese esclarece³⁰, pois, a sua estrutura

²⁶ Schillers Briefe in Zwei Bänder, Band 2 ,p. 285.

²⁷ Von Egon Ecker (*Op. cit.*, p. 143-145).

²⁸ Cfr. Schillers Briefe, Band 2, p. 308.

²⁹ Hans-Georg Werner, apud *Mythos und Gegenwartserfahrung* (Mito e experiência actualizadora), in *Interpretationen Gedichte von Friedrich Schiller*, Philipp Reclam jun., Stuttgart, 1996, p. 302-311.

³⁰ Apud Isabel Maria de Oliveira Capeloa Gil, *Mitografias. Figurações de Antígona, Cassandra e Medeia no Drama de Expressão Alemã do Século XX*, Tese de Doutoramento, Lisboa, Universidade Católica, 2002, p. 305.

é diferente das outras baladas e não contém qualquer mensagem didáctica.

A estrutura do poema assenta num monólogo de Cassandra, que se desenvolve entre dois pólos dramáticos intensos: o casamento de Políxena, irmã de Cassandra, e a iminente destruição de Tróia. O pano de fundo histórico confere à balada características dramáticas e traços épicos específicos. Os quadros de felicidade externa que observa alternam, desde o início, com os quadros que a capacidade de vidente de Cassandra vai projectando, desafiando, diante de nós, a sua visão solipsista, que nos transporta às aporias da vida, da verdade e do ser.

A estrofe inicial espelha o júbilo e a alegria, motivados pela festa de casamento que, em breve, se vai celebrar e com a qual terminará a guerra de Tróia³¹. Na primeira estrofe, a multidão ébria de alegria, dirige-se para o templo de Apolo, onde a boda se vai celebrar, enquanto Cassandra se dirige, sozinha, para os bosques de loureiros de Apolo. Na estrofe final, a festa está destruída, Aquiles está morto. Sob os olhares de Éris, a deusa da discórdia, Tróia está em chamas, todos os outros deuses fogem e a guerra, sob as nuvens negras que sobre ela se abatem, conhece o seu final trágico. Entre as duas cenas, desenvolve-se o monólogo de Cassandra, que tudo sabe e que a tudo assiste, desde o início. Nele, escutamos o seu lamento, em relação a Apolo e à infelicidade da sua vida. Todos se alegram: os pais e a irmã, que aguardam o noivo. Só ela tem de se isolar pois vê a destruição que se aproxima. Observa um sinal de fogo, mas não é de altar, ou de

³¹ Schiller segue a versão das *Fábulas* recolhidas por Higinio que conta que Aquiles foi morto às mãos de Páris e Deífobo, quando este se encaminhava para o templo de Apolo Timbreu, onde Aquiles tomaria Políxena, irmã de Cassandra, como esposa, assinando um tratado de paz que põe fim à guerra de Tróia (Léon Mis, *Ballades de Goethe et de Schiller, Introduction, Traduction, Notes*, Editions Aubier, Paris, 1943, p. 419).

oferenda. Os Troianos troçam dela, não acreditam nas suas profecias e evitam-na³².

Não é referido o envolvimento amoroso com Apolo, ou a sua recusa hierogâmica para com o deus. É o próprio conhecimento da verdade, a sua missão de vidente, que lhe traz tristeza e amargura e que destrói completamente toda a alegria dos seus dias. Oscilando entre a esperança e a almejada paz, que o casamento entre Políxena e Aquiles trará e que constituirá uma solução pacífica para o conflito, surge, no final o anúncio do morte do Pelida, com as conseqüências catastróficas que este acontecimento assume.

Cassandra preferia então nada ver, a fim de poder ser feliz. Enquanto os outros festejam, ela vê a vida em seus abismos. Como sacerdotisa de Apolo, não se poderia casar, e, devido ao culto a que preside, só lhe compete ser porta-voz de notícias tristes. O monólogo adensa-se e o seu tom torna-se cada vez mais sombrio. Cassandra gostaria de casar, tal como Políxena; esta está muito feliz, a ponto de nem invejar os deuses. Todavia, os espectros de Prosérpina surgem, entre Cassandra e o amado (Corebo; Otrioneu?³³). O terrível final aproxima-se.

Tudo sabendo e a tudo assistindo, impotente, resta-lhe aceitar o seu destino: morrer, juntamente com Agamémnon, às mãos de Clitemnestra, em Micenas, longe da sua pátria³⁴. Falha pois a possibilidade de uma solução pacífica para a *lacrimosa contenda (tränenvoller Streit)*. Aquiles, o grande herói, é traído e a solução pacífica falha. Toda a história mítica vai sendo actualizada, em função do horror final que, para Schiller, constituíram a morte de Aquiles e a destruição de Tróia, acontecimento tão terrível, que põe os próprios deuses em fuga, deixando um quadro de devastação, que nem mesmo

³² Seguimos, em linhas gerais, o comentário ao poema de Von Egon Ecker (*Op. cit.*, p. 143-145).

³³ Ver nota 18.

³⁴ Von Egon Ecker, *ibidem*

os deuses querem testemunhar. A morte de Aquiles significa o ruir de um mundo cultural em destruição³⁵.

Não há nada que Cassandra possa fazer para impedir o desfecho trágico que se avizinha. A infelicidade de Cassandra surge pré-determinada. Para Hans-Georg Werner, o problema hermenêutico que se coloca, no poema, é saber se Schiller entende o acontecimento em consequência de um deus malévolos (*arger Gott*), ou se o assunto se pode transportar para um âmbito mais geral³⁶. Pois, não sendo mencionada por Schiller a parte do mito referente à punição de Apolo, a profetisa interroga-se sobre a razão do que lhe acontece: *Por que me enviaste à cidade onde/Habitam os cegos eternos, se tenho/ Se tenho o espírito iluminado?*). Só sabemos que: *Nur der Irrtum ist das Leben/Und das Wissen ist der Tod. (A vida vivemo-la no erro/E o conhecimento é a morte (Dein Orakel zu verkünden,/Warum warfest du mich hin/In die Stadt der ewig Blinden,/Mit dem aufgeschlossnen Sinn/).*

O conhecimento da verdade transforma-se na *triste claridade* (*traur'ge Klarheit*) e o presente de Apolo torna-se um *falso presente* (*falsch Geschenck*), que a priva de todas as alegrias da juventude e da vida e lhe inviabiliza a realização como mulher, casando com aquele *que o meu coração ansioso escolhe* (*Den das Herz verlangend wählt*). Mas a felicidade desvanece-se, ameaçada pelas sombras do Estige, consumando-se tudo numa cena de espectros, que traduzem a destruição e a morte: *Todos os seus pálidos fantasmas me envia Proserpina* (*Alle bleiche Larven sendet mir Proserpine*).

O archote de Himeneu, destinado a presidir ao casamento de Políxena, em breve também se transforma no braseiro destruidor da cidade em chamas. Tudo alterna, no poema, escrito em versos trocaicos, com rima cruzada: a vitória, a destruição, a alegria, a tristeza, a morte, a vida, a verdade, a ilusão, o feminino, o masculino, restando a morte de Aquiles, a destruição de Tróia e a destruição

³⁵ Hans-Georg Werner, *ibidem*.

³⁶ Hans-Georg Werner, *ibidem*.

emocional da mulher — Cassandra, apresentada na sua feminilidade comovente (*rührende Weiblichkeit*), que Körner salienta na carta, já referida.

Representando o lado dos vencidos, a figura de Cassandra reúne todos os *topoi* literários de sofrimento e miséria. O poema denota todo o pessimismo histórico que se apodera de Schiller, nos últimos anos da sua vida (Schiller virá a morrer em 1805), após ter escrito a trilogia *Wallenstein* (1797-99)³⁷.

No prefácio aos *Textos sobre o Belo, o Sublime e o Trágico*, do autor, Teresa Rodrigues Cadete aponta uma das linhas-chave para a compreensão da visão estética de Schiller: «A educação estética tem em vista preparar o indivíduo para o belo e através do belo, em situações de felicidade, para o sublime e através do sublime em situações de desgraça (...) para a inevitabilidade da morte.»³⁸.

Este poema assume uma grande importância na recepção posterior que é feita à figura, pois é a partir dele que a personalidade de Cassandra ganha autonomia e consistência psicológica³⁹. Retirada do seu contexto habitual: o regresso à Grécia, como cativa, profetizando a sua morte e a de Agamémnon, Schiller vai recriar a sua personagem num outro contexto: as bodas de Políxena e Aquiles, narradas nas *Fábulas* de Higino, encenadas num novo contexto, gerindo uma forte carga emocional, onde confluem o trágico, o sublime e o poético.

No texto referido, Teresa Rodrigues Cadete esclarece: Embora o autor privilegie o sublime, precisamente pela sua indelével proximidade com o trágico, ele nunca perde de vista o mosaico global

³⁷ Hans-Georg Werner, *ibidem*.

³⁸ Teresa Rodrigues Cadete, *Friedrich Schiller, Textos sobre o Belo, o Sublime e o Trágico*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Estudos Gerais, Série Universitária, Clássicos de Filosofia Lisboa, 1997, pg. 18.

³⁹ Sobre este assunto ver Thomas Epple, *apud* Isabel Maria de Oliveira Capeloa Gil, *Kassandra* de Friedrich Schiller, *Op. cit.*, p. 303.

da estética. Por isso mesmo prevê, para situações de insuportável tensão, a acção moderadora do belo⁴⁰.

Num outro poema *Das Siegfest*⁴¹ (*A festa da vitória*), um *Trinklied* (*canção de beber*), de tom anacreôntico, publicado em 1804, no *Taschenbuch für Damen*, Cassandra surge, junto às outras cativas troianas, que se despedem, pesarosas, da sua terra natal, enquanto os Gregos, celebrando a vitória, se preparam para embarcar para a Grécia.

O poema aponta outro aspecto que virá a ser desenvolvido na literatura posterior: o preço que os vencedores têm de pagar pela vitória. Mesmo, para quem vence, a vitória tem um preço. A guerra tragara os melhores: Aquiles e Pátroclo, do lado grego, e Heitor, do lado troiano, e nem todos os que se preparam para regressar terão um acolhimento feliz. Calcas invoca Atena; Ulisses, inspirado pela deusa, prevê o final de Agamémnon, sucumbindo às mãos de sua mulher Clitemestra, porque o sacrifício de sua filha Ifigénia precisa de ser vingado. Cassandra surge, a concluir o poema, expressando uma atitude de aceitação do destino humano: o homem, continuamente ameaçado pela adversidade, não pode fazer mais que viver o *Carpe Diem*:

*De pó é todo o ser terreno
Como a névoa entre as colunas,
Todos os grandes terminam,
Só os deuses ficam de pé.»
No cavalo do cavaleiro,
Nos barcos, pairam os medos,
Do amanhã nada sabemos,*

⁴⁰ Teresa Rodrigues Cadete, *Op. cit.*, p. 23.

⁴¹ Friedrich Schiller, *Sämtliche Werke*, I Band, Insel Verlag, Berlin, 1991, p. 535-39.

*Vivamos então o presente.*⁴²

Para Schiller, a arte prefigura o grande manancial das suas energias. Embora se movimente numa área multidisciplinar, que engloba a poesia lírica e dramática, a filosofia, a história e sua formação médica de base, é para a arte que todo o seu ser converge, tal como confessa a Körner, em 25 de Maio de 1792, quando se preparava para escrever a trilogia *Wallenstein: Encontro-me agora cheio de impaciência para iniciar algo poético. Na realidade é apenas na arte que sinto as minhas forças. Na teoria tenho sempre de me atormentar com princípios*⁴³.

Cassandra contém toda a força do mito. Para Pauly Wissowa, *A figura de Cassandra é uma criação dos poetas (Die Gestalt der Cassandra ist eine Schöpfung der Dichter)*; é fácil seguir o seu percurso através da literatura⁴⁴. O dom da profecia é a característica de Cassandra que mais fascina os poetas⁴⁵. Na Antiguidade, Cassandra é mencionada, pela primeira vez, na *Ilíada* (XIII, 424), sendo apenas exaltada pela sua beleza, a propósito de Otrioneu, que viera de Cábeso, para combater ao lado dos Troianos. Em troca teria pedido a Príamo *a mais bela das suas filhas*. Príamo teria acedido, mas Otrioneu foi morto por Idomeneu. Na *Odisseia*, no Canto XI, é já referida como profetisa, pelo fantasma de Agamémnon, durante a

⁴² Tradução nossa (Rausch ist alles ird'sche Wesen,/Wie des Dampfes Säule wehet,/Schwinden alle Erdengrößen,/Nur die Götter bleiben stet./Um das Roß des Reuters schweben,/Um das Schiff die Sorgen her, /Morgen können wir's nicht mehr,/Darum laßt uns heute leben!).

⁴³ Tradução nossa (Ich bin jetzt voll Ungeduld, etwas Poetisches vor die Hand zu nehmen (...). Eigentlich ist es doch nur die Kunst selbst, wo ich meine Kräfte fühle, in der Theorie muß ich immer mit Prinzipien Plagen. (in Schillers Briefe, 2 Band, p. 343)).

⁴⁴ Real Pauly Wissowa, *Encyclopedia der Classischen Altertumswissenschaft*, 19. Halband (Neue Bearbeitung begonnen von Georg Wissowa), Wilhelm Kroll (ed.), J.B. Metzlersche Verlagsbuchhandlung, Stuttgart, 1917, cols. 2298-2294).

⁴⁵ Real Pauly Wissowa, *Op. cit.*, col. 2291.

catábase de Ulisses. Na XI Ode Pítica (por vezes, denominada *Pequena Oresteia*, porque trata do regresso de Agamémnon e o seu assassinio por Clitemnestra, no regresso à Grécia), Píndaro refere que Cassandra é vítima do ciúme de Clitemnestra⁴⁶.

Na peça *Agamémnon*, de Ésquilo⁴⁷, Cassandra explicita como adquiriu o dom: *Foi o profeta Apolo que me deu este poder, Mas: Depois de dar o meu consentimento enganei Lóxias* (v. 1208). Cassandra recusa Apolo, que dela se enamorara, quando a vira, um dia, no culto do templo. Este ensinara-lhe as artes da profecia, em troca do seu amor. Após a sua recusa, o deus puniu-a, condenando-a a que ninguém mais acreditasse nas suas profecias: *Ninguém mais acreditou em mim, depois que cometi esta falta*. (v. 1201). Desta forma, Cassandra fica isolada e condenada ao sofrimento. A sua figura expressa a perplexidade do homem face ao destino que o transcende. Ao ganhar acesso à capacidade de prever o futuro, prerrogativa dos deuses, Cassandra não ascende ao mundo dos deuses e permanece no plano humano.

Quando a desgraça sobrevém, Tróia cai e Aquiles morre às portas do templo. No seu túmulo, Políxena é degolada por Neoptólomo. As sombras, onde passa a mover-se, prefiguram o Hades, para onde transitará: *Oh! as núpcias de Páris, que destruíram todos os seus! Ó Escamandro, rio da minha pátria! À tua beira, ai de mim, cresci, tu me criaste. Mas agora é junto ao Cocito e nas margens perfiladas do Aqueronte que parece que eu, muito em breve, cantarei as minhas profecias*. (vv. 1156-60). Digno de nota é o seu carácter heróico e a aceitação do seu sofrimento, patente no diálogo com o Corifeu, quando este lhe pergunta por que não foge, se já sabe o que a aguarda: *Mas se é verdade que conheces a sorte que te*

⁴⁶ Pindar, *Olympian Odes, Pythian Odes*, Tradução e edição de William H. Race, Loeb Classical Library, Harvard University Press, Londres, 1997, p. 366.

⁴⁷ Ésquilo, *Oresteia*, Tradução de Manuel de Oliveira Pulquério, Edições 70, Lisboa, 1998.

espera, porque é que, como uma novilha conduzida por um deus, avanças assim corajosamente para o altar? (vv. 1296-98) Ao que Cassandra responde: *Quando o tempo está maduro, não há modo de escapar, nenhum modo estrangeiros!* (vv. 1998-99).

A figura de Cassandra leva-nos para aspectos mais obscuros da personalidade humana. Apolo, o deus luminoso, é também Lóxias, o epíteto que refere a característica obscura do deus, ligada às profecias. Com efeito, Apolo, o deus da loucura profética, inspira a chamada *mediunidade apolínea*⁴⁸, cujo objectivo é o de conhecer o futuro, bem como os segredos ocultos do presente.

A peça *Agamémnon*, de Ésquilo, foi alvo de fervorosa admiração por parte de Schiller, tendo feito parte de um projecto de tradução (do francês) após ter traduzido a peça *Ifigénia na Áulide*, de Eurípides e largas passagens de *As Fenícias*⁴⁹. Em carta à sua noiva, Charlotte Von Lengefeld, Schiller escreveu, a respeito de *Agamémnon*: *A ela quero dedicar todo o meu esforço, porque esta peça é uma das mais belas criações que alguma vez saíram da cabeça de um poeta*⁵⁰.

A figura de Cassandra, reduzida a presa de guerra, consolida-se, na peça de Eurípides *As Troianas*⁵¹, onde a virgem consagrada a Apolo enlouquece, com o peso do sofrimento, que a destruição de Tróia e da sua família acarretam. A sua pessoa e a sua personalidade são aniquiladas. Cassandra deixa de ser a sacerdotisa, a mulher respeitada, para ser apenas um despojo de guerra, concentrando, em si, todo o sofrimento que a humanidade é capaz de infligir a si própria. *Agamémnon* amá-la-á, é certo, mas esse facto atrairá maior acrimónia

⁴⁸ E.R. Dodds, *Os Gregos e o Irracional*, Gradiva, Lisboa, 1988, p. 80.

⁴⁹ Robert d'Arcourt, *Ibidem*.

⁵⁰ Auf den will ich alle Mühe verwenden, weil dieses Stück eins der schönsten ist, die je aus einem: Dichterkoffe gegangen sind, Schillers Briefe, 2 Band., p. 212 (tradução nossa).

⁵¹ Eurípides, *As Troianas*, Tradução De Manuel de Oliveira Pulquério, Edições 70, Lisboa, 1999.

por parte de Clitemnestra. A loucura de Cassandra é a expressão de uma clarividência, que acentua o sofrimento atroz, sendo amargamente sublinhado através da paródia sobre os seus esposais com Agamemnon. É relevante o facto de Cassandra ser uma princesa real e uma sacerdotisa do deus Apolo, ocupando, por isso, uma posição social elevada, da qual é totalmente destituída. Segundo Wolfgang Schuller⁵², as mulheres nobres possuíam importância política, mantendo quase uma posição semelhante à dos homens. Este facto é confirmado pelas esculturas e pelas pinturas da época. Também as poetisas, que entraram em concursos de poesia, em pé de igualdade com os homens, possuíam um estatuto semelhante. Exemplo disso é Corina⁵³, poetisa arcaica da cidade de Tanagra, que escreveu cinco livros (dos quais sobreviveram alguns fragmentos), epigramas e poemas narrativos, não tendo estes chegado até nós. Corina participou em concursos poéticos, em pé de igualdade com Píndaro, tendo-o derrotado em cinco ocasiões⁵⁴.

As sacerdotisas também mantinham uma posição privilegiada na sociedade, sendo a função de sacerdote desempenhada tanto por homens, como mulheres. Esta situação verifica-se, no período homérico e no período arcaico, tendo-se prolongado no período clássico. É certo que transformações ocorridas determinaram a secundarização da mulher na sociedade, durante esse período, embora não da forma assustadora que habitualmente se pensa, segundo o autor. A existência de mulheres como sacerdotisas manteve-se e o acesso ao cargo de sacerdotisa continuou a fazer-se, como se fazia anteriormente, com as mesmas prerrogativas detidas pelos homens,

⁵² Wolfgang Schuller, *Frauen in der Griechischen und Römischen Geschichte*, Konstanzer Bibliothek, Band 25, Universitäts Verlag Konstanz, Konstanz, 1995 (*Frauen im Archaikum*, p. 24-33).

⁵³ *Greek Lyric, Bacchylides, Corinna And Others*, Edição e tradução de David A. Campbell, Loeb Classical Library, Harvard University Press, Londres, 1992, p. 19.

⁵⁴ Cfr. Wolfgang Schuller, *Op. cit.*, p. 28.

pois: *os deuses são conservadores*⁵⁵. Segundo este autor, esta situação também se verificou durante a época romana. Esta opinião é corroborada por Louise Bruit Zaidman, que, referindo-se ao sacerdócio e aos serviços de culto femininos, esclarece: *O que imediatamente salta à vista é o contraste entre o lugar subalterno, ainda que estrategicamente importante, reservado às mulheres no culto público, e o papel que nele desempenham as sacerdotisas. Eleitas ou tiradas à sorte como os sacerdotes, elas ocupam em certos casos um lugar de primeiro plano e recebem, como eles, a sua parte de honra na partilha do sacrifício*⁵⁶. Em Roma, tal como refere John Scheid, *As Vestais e o fogo sagrado de Vesta estão ligados ao próprio destino de Roma. Nenhum sacrifício público pode ser celebrado sem a sua colaboração, (...) Tal como as Vestais e os seus ritos, as profecias da Sibila eram indispensáveis ao funcionamento de Roma, visto que permitiam que os magistrados e o Senado resolvessem todas as crises maiores e restabelecessem a paz com os deuses, embora a participação da mulher nas restantes áreas da vida religiosa estivesse, de uma forma geral, subordinada aos homens*⁵⁷.

MARIA DO SAMEIRO BARROSO

⁵⁵ Como refere lapidarmente Wolfgang Schuller, Este carácter conservador dos deuses também permitiu que a situação das sacerdotisas se mantivesse inatacada (Dieser Konservatismus der Götter dürfte auch bewirkt haben, daß die Stellung der Priesterinnen unangastete blieb) (in Op. cit., p. 25).

⁵⁶ Louise Bruit Zaidman, *As filhas de Pandora, Mulheres e rituais nas cidades*, tradução de Maria Carvalho Torres e Maria Teresa Gonçalves, in *História das Mulheres no Ocidente*, Direcção de George Duby e Michelle Perrot, Autores Vários, Volume I, *A Antiguidade*, Direcção de Pauline Schmitt Pantel, Círculo de Leitores, Lisboa, 1993, p. 456.

⁵⁷ John Scheid, «Estrangeiras » indispensáveis, Os papéis religiosos das mulheres em Roma, in *História das Mulheres no Ocidente, Op. Cit.*, p. 493.